**IMORTAIS DA ACADEMIA**

**EPISÓDIO 3 – UM ANARQUISTA INOFENSIVO**

**01:00:17:17**

**ABERTURA**

**01:00:22:15**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,

Arte e ciência, pensamento e memória,

Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.

A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.

Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,

Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:03:10**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:21:14**

**CARLOS HEITOR CONY – Atual ocupante da Cadeira 03**

Há 60 anos, mais de 60 anos, 65 anos, que eu estou nessa tortura, nesse calvário. Se eu reencarnar outra vez, eu quero ser tudo, menos jornalista e escritor.

Carlos Heitor Cony

Posse em 2000

**01:01:43:23**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 03: Um anarquista inofensivo**

**01:01:50:21**

**CARLOS HEITOR CONY – Atual ocupante da Cadeira 03**

Eu nasci com um defeito na fala. Aliás, estou falando mal até hoje. Eu fui mudo, mudo total até os 5 anos. Eu levei um susto nessa idade, um avião e tal, e dei um grito. Esse grito foi a minha primeira manifestação de voz. E notaram então, que eu tinha alguma coisa errada. E realmente eu comecei a falar muito pouco. Meu vocabulário era bife à milanesa, batata frita. Esse era o meu vocabulário normal. Aí um dia meu pai me levou ao dentista na cidade, e ele era amigo do Pedro Ernesto, que era um cirurgião famoso, foi prefeito. E o Pedro Ernesto quando foi falar comigo notou que eu tinha dificuldade. Aí ele falou para o meu pai ‘Leva esse menino amanhã no consultório, que eu dou um jeito nele.’ Aí no dia seguinte meu pai levou, ele veio com uma espécie de alicate e cortou o freio da língua, e mandou que eu botasse três vezes por dia, bola de gude na boca, pequenas, né? Acho que engoli uma ou duas, porque eram pequenininhas. Mas o fato é que destravou a minha língua até certo ponto. Ainda tenho dificuldade para certas palavras. Aí, convivendo... Isso foi até certo ponto muito bom pra mim pelo seguinte, me dirigiu forçadamente, para escrever. Eu escrevia e escrevia certo. Hoje eu escrevo errado porque certas palavras não consigo saber se tem “e”, se tem “i”. Mas o fato é que eu comecei a escrever coisa pequenas, botava um bilhete para minha mãe na geladeira. Acho que eu fui o primeiro camarada que botou bilhete na geladeira, na porta da geladeira. Quero batata frita. Tinha até vergonha de falar com a minha mãe.

**01:03:48:05**

**OFF**

Ora irônicas, ora sarcásticas,

As palavras de Cony foram além das matérias jornalísticas.

Impregnaram também vasta obra literária.

**01:02:04:00**

**ARNALDO BLOCH – Jornalista e escritor**

O Cony jornalista eu acho que ele é de alguma forma, a mesma persona do Cony escritor, do Cony da literatura. Ele é um homem que duvida de todas as verdades, é um cético por natureza, um cínico no melhor sentido da palavra, é um homem incansável na tarefa de esquadrinhar os terrenos de significados que as coisas carregam para além da explicação fácil. Uma pessoa capaz, enfim, de fazer uma biografia de Juscelino, na voz do próprio Juscelino depois da morte dele, ou de fazer toda uma historiografia dos anos Getúlio Vargas, ou de aceitar qualquer projeto, desde ser editor a escrever um artigo encomendado, às vezes, às vezes até trabalhando como um sofista, né? Um sofista grego, quer dizer, provar qualquer ponto de vista, apenas para exercitar a retórica. E a maneira irônica, né? O Cony tem aquele riso, alguns vícios do falar dele – ‘compreendeu?’ Uma espécie de gargalhada interna que está sempre presente, e muito ferina, muito corrosiva, que esclarece a gente sobre o grande embuste que é a maneira como os fatos em geral são relatados.

**01:05:44:23**

**OFF**

“Uma quase-memória, ou um quase-romance, uma quase-biografia. Um quase-quase que nunca se materializa em coisa real como esse embrulho, que me foi enviado tão estranhamente. E, apesar de tudo, tão inevitavelmente.”

*Quase Memória*

Carlos Heitor Cony

**01:06:11:04**

**ARNALDO BLOCH – Jornalista e escritor**

Eu também não quero dizer que ele sempre fala a verdade. Eu quero dizer que ele não acredita na verdade. Então a verdade, quer dizer, ele está mais próximo da verdade por não acreditar nessa coisa do absoluto, que a maioria das pessoas busca ingenuamente. Acredita, ou de forma muito, com muita soberba, as pessoas acreditam que tem uma resposta, ou que tem uma verdade.

**01:06:51:02**

**CARLOS HEITOR CONY – Atual ocupante da Cadeira 03**

Eu dobrei duas esquinas erradas na minha vida. Uma quando entrei para o seminário, a outra quando eu saí. Se eu não tivesse feito essas duas, esses dois erros em seguida, eu seria outra pessoa. Talvez mais agradável, eu não sei. Hoje por exemplo, eu sou ateu, aliás, quando eu saí do seminário já era ateu. Já era ateu mesmo assim, convicto, e sou até hoje, embora eu me dê muito bem com a igreja, gosto muito. Já cobri 3 Papas, não é pra qualquer um, 3 Papas! Mostra que eu sou velho. E como os Papas só frágeis, né? O jornalismo foi o seguinte, saí do seminário já com 20 anos. Não tinha nenhuma perspectivas de emprego, aí meu pai, que era jornalista do Jornal do Brasil, ele viajou, e o pai para vender o peixe, que era eu, ‘Ele sabe latim.’ Realmente eu sabia latim. Mas o diretor falou assim ‘Mas os nossos jornais são em português!’ Quer dizer, comecei mal. Mas fui, fui pro Jornal do Brasil, depois o Correio da Manhã, depois Manchete, onde eu fiquei uns 30 anos, e agora estou na Folha de São Paulo.

**01:08:10:01**

**OFF**

Cony não foi o único titular da cadeira três a transitar pela crônica.

Também o fez o fundador dela, Filinto de Almeida.

Mas, se Filinto guinou para o parnasianismo como senda literária,

Seu caminho até a imortalidade

Mais parece ter sido a esposa, Júlia Lopes de Almeida.

**01:08:35:01**

**MICHELE FANINI – Socióloga**

A Júlia é um caso inaugural da ausência feminina, ausência institucional feminina na Academia Brasileira de Letras. Quando a Academia foi criada, ela já tinha uma produção literária consistente, ela foi considerada a escritora mais publicada da República Velha. Mas quando a Academia é pensada, ela ajuda, ela faz parte desses primeiros encontros, ela e o Filinto de Almeida, o marido. O marido dela tinha uma produção, ele era cronista, tinha um livro de crônicas, contribuía, mas não era um escritor, não tinha a vocação que a Júlia tinha. O que a gente sabe é que nessa listagem inaugural, de fato o Lúcio de Mendonça, ele lista 40 membros, e ele inclui o nome dela. Ela não entra e o que chama muito atenção é que o marido dela entra e o nome dele não estava incluído nesta lista dos 40 sugeridos por Lúcio de Mendonça.

Filinto de Almeida

Fundador da Cadeira 03

**01:09:41:19**

**ROSISKA DARCY OLIVEIRA – Atual ocupante da Cadeira 10**

Pra consertar o fato de não tê-la eleito quando ela era altamente merecedora, elegeram o marido, porque acharam que com isso resolviam a questão. E esse marido, ele mesmo reconheceu publicamente que ela que devia estar na Academia e não ele. Houve quem chamasse o acadêmico consorte.

**01:10:12:13**

**MICHELE FANINI – Socióloga**

Um dos caminhos para se explicar isso, para se entender um pouco da ausência dela, é tentar entender o espírito do momento. A Academia foi pensada num período que a mulher encontrava muitas barreiras para se profissionalizar como escritora, como artista. Mas assim, o fato dela não ter ingressado, em nada abalou o ritmo de produção dela. Ela continuou produzindo, continuou, enfim, ela deixou peças de teatro inéditas. Ela foi uma, uma escritora bastante, bastante prolífera, tanto que o Salão Verde, que eles criaram, eles tinham um salão, eles recebiam notáveis, ela que era a figura proeminente do salão.

**01:10:58:11**

**OFF**

“Vingava-se do Destino a ter feito mulher, conservando-se moça através dos quarenta anos. Não era bonita, mas a sua expressão de desafio, que agradava aos homens e irritava as mulheres, tornava-a talvez um tanto original. Gostava de impor a sua autoridade.”

*A Intrusa*

Júlia Lopes de Almeida

**01:11:26:05**

VINHETA – Estamos apresentando

Imortais da Academia

**01:11:46:05**

VINHETA – Voltamos apresentar

Imortais da Academia

**01:11:56:20**

**OFF**

Artur de Oliveira, patrono da cadeira três, deixou poucos escritos.

Onde não poupava sua verve eloquente

Era nas rodas de intelectuais da boemia carioca.

**01:12:12:15**

**CAMILO CAVALCANTI – Doutor em letras**

O Artur de Oliveira, ele foi importante bem no início do parnasianismo, na gestação. Como uma influência e busca de fontes. Ainda não havia nem um movimento em si, que depois foi ser chamado de parnasianismo.

**01:12:28:24**

**ROBERTO AZÍCELO DE SOUZA – Doutor em teoria da literatura**

Na literatura brasileira, mais ou menos na época dos anos de 1880, essa reação que a estória literária diz que é uma reação anti romântica, porque os românticos achavam que eles precisavam ser espontâneos, sobretudo espontâneos e por isso mesmo se permitiam determinadas incorreções técnicas, que os parnasianos não admitiam. Eram poetas assim, severíssimos em matéria de correção e de técnica do verso. Então, o Artur de Oliveira teria tido esse papel, de trazer para um país que por tanto tempo cultuou o romantismo, como nós aqui, um romantismo até tardio em relação a Europa, e aí trouxe uma poesia que pretendia ser objetiva, não sentimental. É assim escultórica, que foi a geração parnasiana, que foi assim muito presente, muito forte até o modernismo, né? Até a década de 1920.

Arthur de Oliveira

Patrono da Cadeira 03

**01:13:29:14**

**ROBERTO AZÍCELO DE SOUZA – Doutor em teoria da literatura**

Relatos da época são todos convergentes nesse sentido, que era um conversador fascinante. Quando ele chegava todo mundo queria estar próximo dele, conversar com ele. E que fez relações de amizade, pelo menos ele narrava assim com figurões, assim destacadíssimos da literatura francesa. E se tornou amigo de alguns brasileiros muito destacados na época, como o Machado. Machado, mostrava, mostrou assim um carinho, um apreço muito grande pelo Artur de Oliveira, tanto que escreveu, chegou a escrever um conto chamado “O anel de Polícrates”, em que o Machado coloca uma nota, uma nota longa a esse conto, dizendo que o modelo do conto foi o Artur de Oliveira, que tinha falecido fazia pouco tempo. E aí nessa nota, ele transcreve também uma espécie de obituário que ele, Machado, fez. E termina dizendo assim, que tinha acabado de falecer, diz assim: era meigo, generoso e bom. Então, muito mais uma lenda do que um escritor no sentido de alguém que tem uma obra. Mais um personagem do que um escritor.

**01:14:48:20**

**OFF**

“Não escrevo uma biografia. A vida dele não é das que se escrevem; é das que são vividas, sentidas, amadas, sem jamais poderem converter-se à narração; tal qual os romances psicológicos, em que a urdidura dos fatos é breve ou nenhuma.”

*O anel de Polícrates -* Machado de Assis sobre Arthur de Oliveira

**01:15:13:24**

**CARLOS HEITOR CONY – Atual ocupante da Cadeira 03**

Quando veio o golpe de 64, eu estava, já tinha estrada no jornalismo, e já tinha publicado dois ou três livros. Mas eu estava, tinha feito uma operação de apendicite, e estava em casa, e meu apartamento dava, era vizinho Drumond de Andrade. Então ele me telefonou dizendo ‘Olha Cony, está havendo uma bagunça lá no Forte de Copacabana, no Leme, aquele forte. Vamos lá ver.’ Eu disse, ‘Mas Drumond, eu estou, estou saindo do hospital.’, ‘Não, não, não, eu levo um guarda-chuva.’ Eu desci, ele também desceu, aí fomos ver os fatos, porque o Forte de Copacabana foi o último reduto de resistência do João Goulart. E, assistimos, Drumond e eu, assistimos a tomada. Aí a revolução acabou. O Jango já tinha ido para o exílio, já tinha saído do país. Aí eu fiz a primeira crônica. A primeira crônica foi realmente muito geral. Eu descrevia apenas o que vi, na tomada do Forte, era um conhecimento de rua. Mas essa crônica criou muito problema, pro jornal e pra mim. Aí eu fiquei escrevendo durante um ano, eu escrevia 3 vezes por semana, combatendo os militares e a situação toda. O Costa e Silva me processou pela Lei de Segurança Nacional. A pena era 30 anos! O teor do artigo que eu havia infringido era “provocar animosidade entre civis e militares”. Porque quando eu fui preso, fomos 8 presos ao mesmo tempo. Estávamos dando uma vaia no Castelo Branco na abertura de uma conferência da OEA, Organização dos Estados Americanos, e demos uma vaia solene. Mas aí eu recebi um telefonema estranho do jurista Nelson Krieger, tinha sido presidente do Supremo Tribunal Federal, se oferecendo para me defender. E ele descobriu que na Lei de Imprensa, tinha o mesmo artigo. Mas aí o seguinte, né, enquanto pela Lei de Segurança Nacional eu ia cumprir 30 anos, pela Lei de Imprensa eu cumpri 6 meses. Mas foi chato, né? Foi chato porque era muito descriminado, eu tive que pedir demissão do jornal porque estava atrapalhando o jornal. O jornal me dava apoio em termos. Mas quando o jornal começou a perder anúncios, até eu pedi demissão porque eu não queria criar problemas. Ao todo, durante a Ditadura, eu fui preso 6 vezes. Às vezes sozinho e às vezes com outros. Houve uma que nós juntamos um grupo, foi um grupo que oito foram presos. Gustavo Rangel, diretor de teatro, Glauber Rocha, diretor de cinema, Joaquim Pedro, também cinema, Antônio Calado, escritor. Eu no meio, eu era um dos oito. Aí fui preso normalmente, porque nós tínhamos, realmente, segundo a sentença do juiz, nós tínhamos não só ofendido o presidente, como tínhamos atrapalhado o trânsito, porque nós paramos o trânsito ali em frente ao Glória, né? Bom, mas não foi a prisão ruim. Foi uma prisão de vinte, vinte e tantos dias. Quando mataram [Marighella](https://www.google.com.br/search?rlz=1C1GGRV_enBR751BR752&q=marighella&spell=1&sa=X&ved=0ahUKEwi9jfLbh87VAhUDTJAKHVo5AaAQvwUIIygA), eu não tinha nada haver com isso, nem conhecia o Marighella. Fui preso. Entendeu? Passei lá um mês e tanto. Depois disso então, já na Manchete, mesmo assim na Manchete fui preso uma vez. Não me lembro porque, ah! foi quando morreu Papa Doc, que era um presidente, um ditador do Haiti. E eu escrevi, o governo decretou, os militares decretaram dias de luto, 3 dias de luto oficial. Aí eu disse ‘mas como? Homenagear um ditador sanguinário?’ Aí, eu fui preso também, entendeu? Mas aí foi uma prisão folclórica, fiquei de 3 a 4 dias. Agora, nunca fui torturado. Assim fisicamente nunca me tocaram.

**01:19:38:05**

**ARNALDO BLOCH – Jornalista e escritor**

Vamos dizer a grande descoberta do Cony como jornalista foi justamente na série de artigos “O ato e o fato”, que desmascarou, antes mesmo da ditadura entrar no seu período mais sombrio, toda a farsa que era aquele discurso da tomada de poder, de 1964. Depois ele acabou pagando caro pelo fato de que ele jamais se situou num dos lados do embate ideológico que se travava. Quer dizer, ele era um daqueles que não aceitava as verdades nem dos militares, nem da esquerda, ou da luta armada. Isso sempre caracterizou o Cony como existencialista. Isso tudo então, sempre definiu ele como esse homem que duvida.

**01:20:35:15**

**CARLOS HEITOR CONY – Atual ocupante da Cadeira 03**

Quando eu tomei posse da Academia, eu sabia que muita gente achava ‘pô, o Cony é de direita. O Cony é de esquerda.’ Mesmo assim fui eleito. Fui eleito bem, com uma boa folga. Tive duas vezes o voto... Tive 30 votos e o meu concorrente só tinha 8 ou 10. Quer dizer, eu me saí bem, mas fiquei com essa peste de comunista. Mas em compensação tive a peste de ser de direita, porque eu trabalhava na Manchete. E a Manchete não era de direita exatamente, mas era ultra conservadora. Então quando eu tomei posse na Academia, a gente tem que fazer o discurso, o discurso de posse. Eu sabendo que havia restrições a mim, porque não sabiam se eu era de direita ou de esquerda, botei uma frase, botei uma frase não, eu estava lá eu disse: ‘Não sou de esquerda e nem de direita. Sou anarquista inofensivo.’ O pessoal, ‘não é tão inofensivo assim!’ Mas, eu me considero inofensivo porque eu nunca botei bomba, nunca assaltei banco, nunca matei freira. Então eu sou um anarquista inofensivo.

**01:21:41:03**

**CARLOS HEITOR CONY – Posse em 2000**

Encontro em Eça de Queirós, em suas Notas contemporâneas, as palavras que poderiam me definir ideologicamente: "A presença angustiosa das misérias humanas, tanto velho sem lar, tanta criança sem pão, a incapacidade da Monarquia e da República, da Ditadura e da Democracia para realizar a única obra urgente do mundo, a casa para todos, o pão para todos, lentamente me tem tornado um vago anarquista, um anarquista entristecido, humilde e inofensivo".

**01:22:17:01**

**CARLOS HEITOR CONY – Atual ocupante da Cadeira 03**

Como toda a gente da minha geração, quando eu comecei a escrever, e a entrar na vida literária, eu só fiz vida literária depois dos trina anos. Eu nunca tinha lido, nem Jorge Amado, nem Graciliano. Não lia porque não tinha interesse nenhum. Quer dizer, eu tinha alguns amigos aqui, mas não pensava em entrar. Aí eu já tinha recusado algumas vezes. Tinha recusado duas ou três vezes. Agora quando morrei o Herberto Sales, primeiro eu senti muito e admirava muito o Herberto Sales, mas aí começou a pressão dos amigos. Ligaram pra mim de manhã, era duas horas da manhã. Ligaram e disseram ‘Olha o Herberto Sales morreu. A vaga é tua.’ Eu falei, ‘Pera aí. Ele morreu mesmo?’ Porque tem muita coisa disso. Você não pode tossir em plenário, nem espirrar. Se você tossir ... De noite alguém telefona pra você. ‘Vem cá, como está de saúde? Você está bem?’ ‘Sim, eu estou bem.’ ‘Não, eu ouvi dizer que você estava com um problema, um gripe muito forte.’ ‘Não, eu não estou com gripe nenhuma!’ ‘Ah, me informaram errado.’ Tudo porque você tossiu ou deu um espirro. Quer dizer, o que tem de gente na boca, é muito! Eu já não espirro, não faço mais nada. Porque seu eu chegar de cadeira de rodas, meu telefone não para. São muitos candidatos.

**01:23:41:14**

**VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 03

Patrono – Arthur de Oliveira

Fundador – Filinto de Almeida

Roberto Simonsen

Aníbal Freire

Herberto Sales

Atual – Carlos Heitor Cony